

Trabalhando com grupos focais na investigação sobre Adolescência, Gênero e AIDS nos significados atribuídos por jovens em três escolas do município de Florianópolis¹

Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes²

Resumo: relato de uma experiência vivenciada a partir do estudo realizado para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC que, objetivou investigar a adolescência, gênero e AIDS nos significados atribuídos por jovens em três escolas do município de Florianópolis. Para efetivação da pesquisa os instrumentos utilizados na coleta de informações foram: questionários com perguntas abertas e fechadas e grupos de discussão focal, técnica que permite o contato com a opinião dos sujeitos investigados no exato momento em que são abordadas as temáticas pertinentes ao estudo. Participaram da pesquisa estudantes de 5^a e 7^a séries, de escolas particulares e estaduais, e jovens de um Núcleo de Educação de Jovens e Adultos - EJA de uma escola municipal. A realização dos grupos de discussão focal possibilitou aos adolescentes/jovens, expressarem suas opiniões sobre adolescência, gênero e AIDS, bem como um espaço para que pudessem dar continuidade à discussão das temáticas investigadas. O trabalho com grupos de discussão focal revelou-se como um recurso a mais diante de um trabalho permanente e intencional de educação e sexualidade em uma perspectiva emancipatória.

Palavras – chave: adolescência e AIDS, gênero, educação sexual emancipatória.

A adolescência atualmente em nossa sociedade tem sido foco de inúmeros estudos, principalmente com relação à temática da AIDS, fator que tem colocado educadores e profissionais da saúde em alerta, na busca de alternativas para que os/as adolescentes possam lidar com suas escolhas sexuais de maneira segura.

Certamente a epidemia de AIDS, não colocou apenas a população adolescente a ser pensada, visto que lidar com a perspectiva de sexo seguro requer de adolescentes e adultos, em geral, reflexões a respeito dos significados construídos sobre o sexo em nossa cultura.

¹ Pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob orientação da Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago.

² Docente no Centro de Educação de Educação a Distância – CEAD, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: patpereinamendes@gmail.com



A intenção de estudar a adolescência, não foi algo que surgiu com esta investigação, mas foi o resultado de uma caminhada de pesquisa iniciada em 1998, a partir de um Curso de Especialização em Educação Sexual (UDESC), quando realizei um estudo exploratório acerca do imaginário adolescente frente às campanhas de prevenção a AIDS.

A partir deste estudo passei a compreender a adolescência como um conceito recente na cultura ocidental. Conceito este que nasceu a partir das mudanças nas estruturas sociais e econômicas vivenciadas pelas famílias a partir da Idade Média, surgindo como uma espécie de “tempo de moratória” entre a infância e a vida adulta (ARIÉS, 1981). Enfim, como uma etapa de desenvolvimento vinculada à cultura e não a uma suposta natureza humana, como apontou Margareth Mead (1945), ao investigar adolescentes em Samoa na intenção de verificar se as aflições vivenciadas pelos/as adolescentes americanos se deviam à natureza do/a adolescente, ou aos efeitos da civilização. Mead e Áries contribuíram com o olhar que hoje tenho a respeito da adolescência, onde passei a considerá-la fruto de construção cultural.

Essa investigação inicial junto aos/as adolescentes também reforçou para mim a necessidade de saber os significados atribuídos pelos/as adolescentes a respeito da própria adolescência, bem como da AIDS, que fez parte desse primeiro estudo. Porém, nessa trajetória de busca de conhecimentos, percebi que não havia dado atenção a uma categoria que esteve presente em minhas investigações que é a categoria gênero, no que considerei fundamental nesta investigação.

Por entender que o social constitui os sujeitos ao mesmo tempo em que os sujeitos são constituídos por ele, a partir da mediação dos signos, como aponta Molon (2003), considerei importante ouvir os significados atribuídos pelos/as adolescentes a respeito das temáticas adolescência, gênero e AIDS. Entendendo também que:

A atribuição de significado acontece em uma situação objetiva que necessita da intervenção do outro. O outro atribui significado à situação, que posteriormente é significada pela criança, ou seja, em uma situação objetiva o outro atribui significado a uma determinada condição na

relação interpsicológica, que se converte posteriormente na relação intrapsicológica do sujeito consigo mesmo como significativa. No significado do gesto indicativo do sujeito para o sujeito, ele se converte em gesto de si. (MOLON, 2003 p. 100)

Desse modo, busquei com este estudo vislumbrar as concepções sobre as relações de gênero presentes na opinião dos/as adolescentes e na cultura, bem como a forma como a adolescência e a AIDS estão sendo descritas socialmente. Para isto, elegi como objetivo geral no estudo investigar adolescência, gênero e AIDS nos significados atribuídos por jovens de três escolas do município de Florianópolis. Procurei escutar esses/as adolescentes em suas idéias e opiniões sobre dessas temáticas, estimulando-os a refletirem a respeito de saúde sexual e prevenção às DST/AIDS, para quem sabe contribuir com a produção de reflexões que possam subsidiar ações propostas pelas políticas públicas no município de Florianópolis, considerando os entendimentos desses/as jovens sobre questões que lhes são pertinentes.

Cabe salientar que o conceito de gênero não se limita a uma visão biológica de sexo, é um conceito muito mais amplo que envolve a construção de significados. Segundo Meyer (2003),

O conceito de gênero propõe um afastamento de análises que repousam sobre uma idéia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino, ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação. (MEYER, 2003, p. 18)

Considerei como um ponto marcante neste trabalho de investigação a experiência com a técnica de grupos de discussão focal, onde pude vislumbrar possibilidades metodológicas de ação intencional de educação sexual em uma perspectiva emancipatória.

Compreendo que a educação sexual emancipatória é aquela que possibilita aos educandos e educandas autonomia com responsabilidade afetiva e social.

Para que se possa compreender como foi utilizada a técnica de grupos focais, necessário se faz esclarecer de uma maneira sucinta os procedimentos metodológicos da pesquisa.

Realizei uma pesquisa qualitativa, buscando ancorar os procedimentos metodológicos na compreensão dos/as adolescentes como sujeitos ativos, constituídos social e historicamente na cultura em suas formas de pensar, sentir e agir.

Rey (1997) expõe que o processo de investigação qualitativa é um processo dinâmico e contínuo, que não se esgota em suas formas de expressão e envolve os próprios sujeitos que se relacionam neste processo, gerando uma situação de comunicação que pode apresentar em seu curso elementos relevantes para a construção do conhecimento a qualquer momento da investigação.

Assim, a escolha de metodologia qualitativa, apresentou-se-me como a mais indicada para investigar, junto aos/as adolescentes qual o entendimento que possuíam sobre adolescência, gênero e AIDS, procurando, dessa forma, ouvir os significados atribuídos por eles/as a esses temas.

Para a investigação, elegi aplicar um questionário com perguntas abertas e fechadas, seguido da realização de grupos de discussão focal. A elaboração do questionário deu-se a partir da utilização de instrumento já aplicado previamente em pesquisa com jovens em Florianópolis (LAGO, SILVA, SANTOS, 1996) ao qual acrescentei questões relacionadas às temáticas centrais do estudo que iria implementar. As questões discursivas presentes no questionário também foram utilizadas no roteiro de discussão dos grupos focais.

Richardson (1999) salienta que os questionários cumprem pelo menos duas funções em um trabalho de pesquisa: além de possibilitarem a descrição a respeito das temáticas abordadas, permitem também a obtenção de informações sobre aspectos importantes de um determinado grupo social. Para ele:

uma descrição adequada das características de um grupo não apenas beneficia a análise a ser feita por um pesquisador, mas também pode ajudar outros especialistas, tais como planejadores, administradores e outros. (RICHARDSON, 1999 p. 189)

A opção pela realização dos grupos de discussão focal sucedendo a aplicação do questionário, deu-se pelo fato da literatura apontar o grupo focal como um instrumento importante em pesquisas com adolescentes. Além de permitir a discussão de temáticas específicas propiciando a manifestação mais espontânea de idéias e entendimentos dos/as jovens sobre diversas questões, nos diálogos que estabelecem com o grupo.

Segundo Hassen:

A técnica do grupo focal permite a identificação e o levantamento de opiniões que refletem o grupo em um tempo relativamente curto, otimizado pela reunião de muitos participantes e pelo confronto das idéias que se estabelece, assim como pela concordância em torno de uma mesma opinião, o que permite conhecer o que o grupo pensa. (HASSEN, 2002, p.161)

Dessa forma após a aplicação e análise dos questionários utilizados com as turmas de 5^a e 7^a séries das escolas: estadual e particular, bem como com os jovens do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos - EJA da escola municipal, passei a refletir sobre a realização do grupo de discussão focal. A princípio, intencionava realizar este procedimento apenas em uma das escolas estudadas. Porém, diante da riqueza das colocações dos/as adolescentes e jovens nos questionários e da diversidade de seus contextos sociais e de idade, pensei que, ao privilegiar um dos grupos, poderia estar perdendo a chance de dar voz a esta diversidade. Deste modo, decidi realizar grupos focais de discussão nas três escolas.

Para a realização do grupo focal, precisei de alguém responsável pela filmagem da discussão e dessa forma, em todos os grupos estive acompanhada de uma pessoa que filmou as discussões.

A discussão nos grupos obedeceu ao roteiro de questões previamente estabelecidas, questões estas ligadas as temáticas adolescência, gênero e AIDS, e foram realizadas separadamente.

Com a escola particular, estavam presentes sete garotos, sendo dois de 14 anos e cinco de 13 anos, também duas garotas, uma com 14 anos e a outra com 13 anos. A participação desse grupo nas discussões foi mais comedida, os/as jovens se mostraram um pouco inibidos diante das questões e as respostas foram curtas, sem muito debate. Os/as participantes desse grupo possuíam pouca idade e apresentavam experiências de vida diferentes das experiências vividas pelos/as jovens do Núcleo EJA, de idades maiores e da escola estadual.

Participaram do grupo de discussão focal na escola estadual seis adolescentes, sendo dois garotos, um com 14 e outro com 13 anos, e três garotas de 13 anos. A discussão das questões com este pequeno grupo, deu-se de forma bastante participativa e o debate foi acalorado, havendo divergências nas opiniões por parte dos garotos e garotas. Neste grupo, embora as idades fossem as mesmas dos/as alunos/as da escola particular, o grupo se diferenciou, pois não manifestou nenhum constrangimento na participação.

No Núcleo EJA, participaram da discussão sete garotas sendo uma com 23 anos, uma com 16 anos, duas com 17 anos, uma com 18 anos, uma com 19 e outra com 22 anos. Também participaram seis garotos, dois com 16 anos, três com 17 anos e dois com 18 anos. Este grupo interagiu de forma dinâmica na discussão dos temas apontados. De um modo geral, os participantes não se inibiram, deixando claros os seus posicionamentos e opiniões. Ao final das discussões, solicitaram um retorno sobre seus posicionamentos frente às questões investigadas, fato que resultou em mais um contato com esses/as estudantes, para assistirem ao vídeo produzido, bem como em mais um diálogo a respeito das temáticas abordadas pelo estudo e ainda sobre sexualidade e educação sexual.

Sintetizarei a seguir alguns dos inúmeros significados apresentados pelos/as jovens a partir das discussões.

A adolescência para eles/as significa: momento em que os gostos estão mudando; uma etapa de desenvolvimento maravilhosa; uma etapa em que os jovens se libertam e tem mais controle sobre si mesmos, preocupam-se mais e estão saindo da infância; período em que se é responsável; uma fase difícil em que surgem dúvidas; uma etapa boa da vida, namoro, diversão, descobertas; as jovens estão muito malucas e a adolescência está diferente do que era

antigamente; é quando os adolescentes fazem coisas erradas, “eu faço um monte de coisas erradas, mesmo sabendo que não deveria”.

Sobre relações de gênero expressaram: “uma garota relaciona-se com um garoto e qualquer coisa que aconteça tudo fica para a garota. O garoto sai limpo”; “o homem é mais forte que a mulher em tudo, tem mais capacidade de arrumar emprego que a mulher”; “quando um garoto fica com duas garotas em duas semanas, é considerado um pegador, um garanhão. Já a garota é considerada galinha e sem vergonha”; “acho que os pais se preocupam mais com as meninas”; “os pais se preocupam mais com as meninas porque sabem como são os garotos”; “hoje já não tem tanta diferença, antigamente a mulher ficava em casa o dia todo, hoje o homem dependendo do que a mulher estuda e sabe é ela que manda no homem...”; “existem muitas diferenças (mudanças) as mulheres antigamente não votavam”; “não tem serviços de homem e de mulher.”

A AIDS para estes/as jovens significa: “uma doença, mas ninguém morre de AIDS”; “muito falada, mas poucos realmente se preocupam”; “algo em que a maioria dos/as adolescentes não se preocupa muito”; “as pessoas contraem essa epidemia por transarem com quem não conhecem”; “pegam AIDS por fazer sexo errado” (sexo anal); “contraem porque fazem sexo sem camisinha”; “as pessoas não se preocupam muito com a AIDS e não é falta de informação”; “contraem HIV por “burrice” pois têm a informação, mas fazem sem camisinha”; “a garota tem que negociar o uso da camisinha”.

As inúmeras idéias apresentadas pelos/as adolescentes sobre adolescência, gênero e Aids, manifestaram a riqueza do uso da técnica de discussão de grupos focais na investigação, não só como um instrumento na obtenção da opinião dos/as jovens, mas também como um recurso metodológico de intervenção em trabalhos sistemáticos de educação sexual em espaços educativos formais.

De uma maneira geral a pesquisa possibilitou refletir sobre as diferenças de gênero no tratamento das questões referidas à AIDS e à sexualidade, sobre a forma como compreendem a adolescência, bem como sobre as construções de gênero expressas na percepção do que é adequado para homens e mulheres socialmente e as desigualdades entre os sexos.

Analisando as opiniões e idéias dos/as adolescentes, podemos dizer que adolescência apareceu nas falas, como tempo de crise e tensão, mas foi relatada também como uma boa ou a melhor fase da vida, um tempo de irresponsabilidade e liberdade para viver o momento de forma despreocupada. O que para nós pode contribuir para a reflexão sobre o fato dos/as jovens saberem sobre os perigos das DSTs/AIDS, conhecerem os métodos de prevenção e contracepção, terem acesso a eles, e ainda assim, não se prevenirem.

A relação adolescência – irresponsabilidade ficou clara nos depoimentos, inclusive quando as jovens do EJA afirmaram terem deixado de ser adolescentes quando engravidaram, tornando-se mães aos 13 e 14 anos. Questão que também ficou evidente na fala de um garoto, afirmando que a adolescência é tempo de curtidão, enquanto que os jovens já têm que pensar em constituir e prover a família.

A função provedora do homem foi explicitada em inúmeras falas, até na da adolescente que, referindo-se às desvantagens das mulheres, ressaltou o ato das mais liberais em termos de práticas sexuais, serem estigmatizadas como “galinhas” e, por esta fama, poderem perder a oportunidade de arrumarem um bom provedor. Ao mesmo tempo, a maioria dos/as adolescentes afirmou a importância das conquistas femininas no mundo do trabalho, nas questões referentes à igualdade entre os gêneros.

As desigualdades de gênero em relação às funções de homens e mulheres no lar e no trabalho, salários etc, foram bastante questionadas pelos garotos e garotas das escolas, especialmente por elas.

Os jovens das escolas públicas se mostraram mais politizados e comprometidos com as discussões a respeito de cidadania e sobre as políticas públicas de saúde e educação, questões que não surgiram nas preocupações dos/as adolescentes da escola particular. Os primeiros também apresentaram posições mais críticas a respeito das diferenciações sociais feitas pela mídia, nas matérias referentes aos adolescentes.

Quanto às informações sobre a AIDS, a maioria dos/as alunos/as revelou possuir informações sobre a epidemia, mas houve diferença no foco das opiniões nos grupos focais, sendo que na escola particular os/as jovens mencionaram a

importância de atitudes responsáveis, e nas escolas públicas, debateram mais sobre as questões ligadas à infecção pelo HIV,

Ainda com relação à AIDS e o aumento dos casos entre mulheres jovens, verifiquei que há, por parte de alguns/as estudantes, a associação dessa epidemia com grupos de risco e promiscuidade, quando argumentaram que as mulheres estão transando mais, algumas se prostituindo. No EJA as jovens trouxeram algo apontado por estudiosos da AIDS, o fato dos/as adolescentes acharem que essa doença nunca vai acontecer com eles/as.

Percebi, como já salientei anteriormente, que os cuidados com a prevenção de AIDS e de outras DSTs não estão centrados apenas nas informações, pois esses/as jovens salientaram que não lhes falta conhecimento, mas que também aprenderam que sexo não se pensa muito, como disseram, “na hora H ninguém quer saber de nada”. Isto somado a todas as questões sobre a própria adolescência e as constatações sobre igualdade/diferença entre os gêneros.

Scott (1990) diz que “gênero é um elemento constitutivo de relações fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significação às relações de poder” (p.14).

Ressalto nesta pesquisa, as colocações das jovens do EJA, frente às questões ligadas a prevenção de DSTs/AIDS e contracepção, quando aventaram que a escola pode ser um espaço onde os/as adolescentes poderiam experimentar, como uma espécie de laboratório, o que vem a ser ter um filho, experimentando assim os cuidados necessários com um bebê.

Entendo as colocações dessas moças como sugestões, e saliento que elas também afirmaram que as escolas devem abrir espaço para um trabalho permanente de discussão sobre as temáticas ligadas à sexualidade, como algo não apenas voltado para seus/suas alunos/as, mas também aberto às comunidades onde se inserem.

A análise das colocações dos/as estudantes investigados/as confirmou que não é possível propor uma estratégia única na aplicação de políticas públicas de prevenção às DSTs. É necessário pensar contextos e realidades específicas em um trabalho permanente de prevenção, de educação sexual e de tomada de consciência com relação à sexualidade e aos significados atribuídos a ela e as relações de gênero pelos jovens.



Ao finalizar esta investigação reafirmo que os grupos de discussão focal permitem aos participantes a colocação de suas idéias, bem como a possibilidade do questionamento acerca das construções históricas da sexualidade e da educação sexual, e ainda, a busca de subsídios teóricos que permitam a estes/as participantes a tomada de consciência na construção da autonomia e da responsabilidade diante da dimensão sexualidade.

Nesse sentido, em minha experiência como educadora sexual, hoje adiciono como recurso metodológico a realização de grupos de discussão focal com jovens, pois compreendo que é preciso que a sexualidade e a educação sexual nas práticas educativas deixem de ser objeto de explicações apenas biológicas, ou ainda de posturas centradas em uma psicologia individualizante, para serem alicerçadas por uma nova ética sexual para a emancipação.

Referências

Ariès, Philippe (1981) **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar.

Áries, Philippe e Bejin, André (orgs.) (1986) **Sexualidades Ocidentais**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

Afonso, Lúcia (2001) **A Polêmica sobre Adolescência e Sexualidade**. Belo Horizonte: Edições do Campo Social.

Bernardi, Marcello (1985) **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus.

Becker, Daniel (1994) **O que é Adolescência**. 13ed., São Paulo: Brasiliense.

Gonzáles Rey, Fernando L. (2002) **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira/Thompson Learning.

Hassen, Maria de Nazareth A. (2002) Grupos Focais de Intervenção no projeto Sexualidade e Reprodução. In: Knauth, Daniela R. e Víctora, Ceres G. (2002) **Horizontes Antropológicos: Sexualidade e AIDS**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, junho.

Lago, Mara C. S. (1996) **Modos de vida e identidade - Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC.

Mead, Margareth (1945) **Adolescencia y Cultura en Samoa**. Argentina: Abril.

Melo, Sonia M.M. de e Pocovi, Rosi (2002) **Educação e Sexualidade**. (Caderno Pedagógico, v.1), Florianópolis: UDESC.

Meyer, Dagmar E. (2003) Gênero e educação: teoria e política In: Louro, Guacira L.; Neckel, Jane F. e Goellner, Silvana V. (orgs.) (2003) **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Molon, Suzana Inês. (2003) **Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky**. Petrópolis, RJ: Vozes.

Muuss, Rolf (1969) **Teorias da Adolescência**. Belo Horizonte: Editora do professor.



Nunes, César A. (1997) **Desvendando a sexualidade**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus.

Pereira, Patrícia O. S. (1999) “**Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório do imaginário adolescente frente às campanhas de prevenção à AIDS**”. Monografia. Curso de Especialização em Educação Sexual. Florianópolis: FAED/UDESC.

Richardson, Jarry R. (1999) **Pesquisa Social Métodos e Técnicas**. São Paulo: Ed. Atlas.

Scott, Joan (1990) **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação e Realidade, n.2, v.15 Porto Alegre, p. 5-22.

Vasconcelos, Naumi (1971) **Os Dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Werebe, Maria José G. (1998) **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados.